

OS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS SOBRE O *CODE-SWITCHING*: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Renata Sobrino Porto¹

reporto@let.puc-rio.br

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma sistematização e avaliação bibliográfica da literatura internacional em *code-switching* através da apresentação e caracterização de suas principais linhas de pesquisa, ressaltando as obras de referência e os caminhos apontados por cada abordagem. A necessidade da apresentação estruturada dos diversos aspectos sociolingüísticos do *code-switching* encontrados na literatura sobre línguas em contato se deve ao fato de a pesquisa sobre este fenômeno ser incipiente no Brasil e o acesso ao material ainda restrito à academia brasileira. Neste trabalho, busca-se mostrar o deslocamento necessário que a pesquisa sobre este fenômeno tem passado desde seus primeiros pesquisadores, cujo objetivo principal era elaborar tipologias funcionais exaustivas do *code-switching*; até o momento atual, em que se tem relacionado este fenômeno às intenções pragmáticas do falante, considerando-o uma estratégia comunicativa de alta relevância no discurso. Por fim, aponta-se para a necessidade de elaboração de um modelo preditivo do *code-switching*.

PALAVRAS-CHAVE: bilingüismo; *code-switching*; análise sociolingüística.

Nas últimas três décadas, a literatura sociolingüística pertinente em bilingüismo e línguas em contato tem apresentado como um de seus pilares o estudo do *code-switching*, isto é, o uso alternado de dois ou mais códigos por indivíduos bilíngües numa mesma interação conversacional. Os falantes monolíngües, em geral, comandam diversas variantes (registro, estilo) das línguas que falam e devem selecionar uma variante particular sempre que decidem iniciar uma conversa. Bilíngües, por sua vez, além de alternar entre variantes, podem alternar entre códigos ou mesmo misturá-los na interação, criando, deste modo, enunciados híbridos no processo denominado *code-switching*.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

John Gumperz, um dos precursores do estudo do *code-switching* tal como ele é compreendido atualmente, define o fenômeno como “a justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos” (Gumperz, 1982: 59). Acredita-se que toda comunidade de fala bilíngüe alterne ou misture códigos durante a comunicação (Romaine, 1989) e que o *code-switching* seja parte central da comunicação entre indivíduos bilíngües (Appel & Muysken, 1987). “A utilização de diferentes línguas ou variedades lingüísticas no curso de uma mesma interação baseia-se em mecanismos internos à conversação observáveis em vários contextos sociais em todo o mundo”, como aponta Franceschini (1998: 51). Este fenômeno pode ocorrer, por exemplo, em famílias imigrantes que se tornam bilíngües, em membros de comunidades compostas por falantes de uma minoria lingüística, ou por indivíduos de países em que se adota uma língua franca diferente de sua língua materna, entre outros.

A partir do trabalho de Gumperz, os pesquisadores buscaram comprovar que este comportamento, apesar de complexo, é sistemático e está sujeito a restrições gramaticais. Atualmente, está cientificamente comprovado que este fenômeno não é randômico, tampouco resultado da falta de proficiência nas línguas ou dialetos envolvidos ou mesmo em articulá-los no discurso (cf. Bathia & Ritchie, 1996; Jacobson, 1998; Montes-Alcalá, 2001; Ritchie & Bathia, 2004, entre outros), uma vez que o enunciado híbrido resultante do *code-switching* possui motivações e funções sócio-pragmáticas e está sujeito a restrições gramaticais:

“O que parece estar envolvido aqui [no processo de *code-switching*] (...) é um processo simbólico semelhante àquele através do qual as palavras transmitem informação semântica.” (Gumperz & Hernández-Chavez, 1970: 300)

“A alternância entre códigos no discurso bilíngüe é mais que um fenômeno randômico ocorrendo agora em uma língua e depois em outra, mas sim, um mecanismo estruturado de seleção de duas ou mais línguas na construção de sentenças.” (Jacobson, 1998: 1)

Os pesquisadores da vertente sociolingüística buscam analisar as funções a que esta prática lingüística serve no discurso, já que consideram que o uso da língua, em especial a escolha lingüística, mapeia relações sociais claramente definidas:

“As abordagens sociolingüísticas tentam uma reaproximação entre língua e grupo social do falante, onde a língua é um dos recursos disponíveis para produção cultural – esquemas perceptivos e interpretativos segundo os quais o grupo produz um discurso de sua relação com o mundo e com o conhecimento.” (Heye, 2003: 31)

Vários pesquisadores voltaram seus esforços à análise deste comportamento discursivo com o propósito de enumerar suas funções sócio-pragmáticas. Neste trabalho, busca-se mostrar o deslocamento necessário que a pesquisa sobre este fenômeno tem passado desde seus primeiros pesquisadores – pertencentes ao que nomeamos “abordagem tradicional” –, cujo objetivo principal era elaborar tipologias funcionais exaustivas do *code-switching*; até o momento atual, ao qual chamamos de “abordagem interacional”, em que se tem relacionado este fenômeno às intenções pragmáticas do falante, considerando-o uma estratégia comunicativa de alta relevância no discurso. Por fim, percebe-se o prenúncio da necessidade de elaboração de um modelo preditivo acerca do *code-switching*, tendência a ser buscada pelos pesquisadores a partir de agora.

1. ABORDAGEM TRADICIONAL: POR UMA TIPOLOGIA DESCRITIVA DO *CODE-SWITCHING*

Os sociolinguistas em geral descrevem o uso individual da linguagem no *code-switching* através da classificação dos enunciados de acordo com suas diferentes funções lingüísticas e/ou pragmáticas. Muitos pesquisadores da área de línguas em contato se voltaram ao estudo das funções sócio-pragmáticas a que o *code-switching* pode vir a servir no discurso. Nesta abordagem, encontramos uma vertente mais expressiva que tem buscado elaborar tipologias funcionais do *code-switching* (Gumperz, 1982; Grosjean, 1982; Appel & Muysken 1987; Koziol, 2000; Richardson, 2000).

Gumperz (1982) foi o precursor dos estudos sobre as funções do *code-switching*. O autor relacionou o *code-switching* às escolhas estilísticas dos monolíngües ao afirmar que esta prática discursiva presente na interação bilíngüe sinaliza informação contextual equivalente ao que, em ambientes monolíngües, é transmitido através da prosódia e outros processos lexicais ou sintáticos. O pesquisador considera as escolhas lingüísticas como estratégias sociais, isto é, os falantes não utilizam a linguagem somente por conta de suas identidades sociais ou de fatores situacionais, relativamente estáveis, mas sim, buscam explorar as potencialidades das escolhas para transmitir significados de natureza sócio-pragmática. Deste modo, o uso de uma variante em detrimento de outra possui relevância de natureza intencional para o significado da mensagem. Portanto, para

Gumperz, a escolha do código não é uma escolha de conteúdo, mas principalmente uma *estratégia discursiva*.

Gumperz introduziu os conceitos *we-code* e *they-code*, terminologia relacionada diretamente à noção de identidade, mais especificamente à identidade do grupo, para se referir à solidariedade *versus* autoridade na interação conversacional bilíngüe. Segundo o autor,

“A tendência é que a minoria lingüística, etnicamente específica, seja vista como ‘we-code’ e se associe às atividades informais e dentro do grupo, e para a maioria lingüística servir como o ‘they-code’ associado às relações fora do grupo, mais formais, cerimoniais, e menos pessoais.” (Gumperz, 1982: 66)

A tipologia funcional mais difundida na literatura foi proposta pelo autor com base em seus estudos em do *code-switching* esloveno-alemão na Áustria, inglês-hindi na Índia, e espanhol-inglês nos Estados Unidos. Gumperz organizou as funções do *code-switching* em seis categorias: citações, especificação do interlocutor, interjeições, reiteração, qualificação da mensagem, e personalização *versus* objetivação. Os exemplos a seguir ilustram cada uma delas:

- (1) Função de citação em *code-switching* português – inglês (Oliveira, 2006: p. 65):
Sempre que a pessoa volta, eles falam *Oh, my God!*
(Sempre que a pessoa volta, eles falam *Oh, meu Deus!*)

- (2) Função de especificação do interlocutor em *code-switching* inglês – hindi (Gumperz, 1982: 77):
A: Sometimes you get excited and then you speak in hindi, then again you go on to English.
(De vez em quando você fica excitado e então fala hindi, e depois continua em inglês)
B: No nonsense, it depends on your command of English.
(Não faz sentido, depende do seu domínio do inglês)
B: [Para um terceiro participante, que acabou de ir à porta atender a campainha]
Kṛn hai bai?
(*Quem é?*)

- (3) Função de interjeição em *code-switching* dinamarquês – turco (Jorgensen, 2005: 395):
A: Snak ordentlig jeg smadrer dig.
(Fale corretamente ou eu te bato)
B: *Tamam*. Jeg snakker meget ordentlig.

(OK. Eu falo muito corretamente.)

- (4) Função de reiteração em *code-switching* inglês – espanhol (Gumperz, 1982: 78):
The three old ones spoke nothing but Spanish. *No hablaban Ingles.*
(Os três mais velhos só falavam espanhol. *Não falavam inglês.*)
- (5) Função de qualificação da mensagem em *code-switching* esloveno – alemão
(Gumperz, 1982: 60):
Uzeymas ti kafe? *Oder te?*
(Você quer café? *Ou chá?*)
- (6) Função de personalização em *code-switching* português – francês (Oliveira, 2006: p. 68):
Vamos falar em português, *parce que tu dois praticar.*
(Vamos falar em português, *porque você precisa praticar.*)
- (7) Função de objetivação em *code-switching* português – inglês (Oliveira, 2006: p. 69):
A: Posso passar o *vaccum cleaner* aqui?
(Posso passar o *aspirador de pó* aqui?)
B: Pode. Mas por favor, *don't take forever, 'cause I'm studying.*
(Pode. Mas por favor, *não demore muito, porque estou estudando.*)

Logo em seguida, Grosjean (1982) propôs nove razões principais para que os falantes alternem entre códigos: Necessidade de preenchimento lexical, *triggering*, citação, especificação do interlocutor, qualificação da mensagem, marcação de identidade do grupo, transmissão de confidencialidade, solidariedade, ou raiva e irritação, exclusão de um ou mais possíveis interlocutores, e troca do papel do falante (para aumentar o status, adicionar autoridade e mostrar expertise). As interações abaixo exemplificam aquelas funções que não haviam sido exploradas por Gumperz (1982):

- (8) Função de preenchimento lexical em *code-switching* inglês – português (Oliveira, 2006: p. 70):
I felt so much *saudade* after he left.
(Eu senti tanta *saudade* depois que ele partiu.)
- (9) Função de *triggering* em *code-switching* francês – português – inglês (Oliveira, 2006: p. 72):
A: Les sous-titres sont *em inglês*.

(As legendas são *em inglês*.)

B: *É isso que eu digo, eu acho engraçado, porque você não disse* “les sous-titres sont en Anglais” ou même “les sous-titres sont in English”, because you were talking about English, but you said it in Portuguese.

(*É isso que eu digo, eu acho engraçado, porque você não disse* “as legendas são em inglês” ou mesmo “as legendas são em inglês”, porque você estava falando sobre inglês, mas você disse em português.)

- (10) Função de marcação de identidade do grupo em *code-switching* inglês – espanhol (Gumperz & Hernández-Chavez, 1978: 296):

Mulher: Well, I'm glad that I met you. OK?

(Bom, gostei de te conhecer. OK?)

Homem: *Andale, pues*, and do come again.

(OK, e volte novamente.)

- (11) Função de exclusão em *code-switching* gikuyu – inglês (Scotton & Uri, 1977, *apud* Grosjean, 1982: 155):

Mumanye khwenya mapesa manyisi. *Two thousand shillings should be a minimum. Anyone who can't contribute four hundred shillings shouldn't be part of this group. He should get out.*

(Você sabe que precisamos de muito dinheiro. *Dois mil xelins deve ser o mínimo. Quem não pode contribuir com quatrocentos xelins não deveria ser parte deste grupo. Ele deveria sair.*)

Outra proposta interessante para análise de dados de *code-switching* foi apresentada por Appel e Muysken (1987), que aplicaram as funções da linguagem propostas por Jakobson (1960) para explicar as razões da alternância entre línguas. Assim, segundo os autores, o *code-switching* pode servir às funções referencial, diretiva, expressiva, fática, metalingüística e poética:

- (12) Função referencial em *code-switching* inglês – espanhol (Reyes, 2004: 83):

We finished all the books ... Thank you. Mira mis calzones se me andan cayendo.

(Nós terminamos todos os livros... *Obrigado. Veja, minhas calças estão caindo.*)

- (13) Função diretiva em *code-switching* português – inglês (Oliveira, 2006: p. 77):

A: Do you wanna eat Chinese?

(Vocês querem comer comida chinesa?)

B: Maybe, it's up to you, guys.

(Talvez, vocês é quem sabem.)

A: Ok, Chinese it is!
(Ok., chinês então!)

B: [para C] *Ai, fala que você não quer chinês, a gente já comeu ontem, que saco!*

(14) Função expressiva em *code-switching* inglês – espanhol (rap Mentirosa, de Mellow Man Ace):

Check this out, baby
Tenemos tremendo lío
last night you didn't go
a la casa de tu tio (huh?)
resultase, hey you were at a party
higher than than the sky
emborrachada de Bacardi (no I wasn't)
I bet you didn't know *que conoci al cantinero* (what?)
He told me that you were drinking, and wasting *my dinero*
Talking about, come and enjoy what a woman gives *a hombre*
(but first of all, see, I have to know your *nombre*)
now I really wanna ask ya, *que si es verdad* (would I lie?)
and please *por favor, tell me la verdad*
because I really need to know yeah *necesito entender*
If you're gonna be a player, or be my *mujer*
cause right now you're just a liar, a straight *mentirosa* (who me?)
Today you tell me something, *y mañana otra cosa*
(Cheque isto, querida
temos um tremendo caso amoroso
Noite passada você não foi
à casa do teu tio (huh?)
resulta-se, hey você estava numa festa
mais alta que o céu
emborrachada de Barcadi (não, não estava)
Duvido que você saiba *que conheci o garçom* (o quê?)
Ele me disse que você estava bebendo e gastando *meu dinheiro*
Falando, venha e aproveita o que uma mulher dá *a um homem*
(mas primeiro, veja, tenho que saber seu *nome*)
agora eu realmente quero te perguntar, *que se é verdade* eu mentiria?)
e por favor *por favor, me diga a verdade*
porque eu realmente preciso saber yeah *preciso entender*
se você vai ser uma jogadora, ou ser minha *mulher*

porque agora você é somente uma mentirosa, uma grande *mentirosa* (quem, eu?)
Hoje você me diz uma coisa, *e amanhã outra coisa*)

- (15) Função fática em *code-switching* português – inglês (Oliveira, 2006: 78-79):

A: Vou encontrar o H. no quarto.

B: *Which bedroom?*

(*Qual quarto?*)

A: Quarto? *Oh, fourth floor!*

(Quarto? *Oh, quarto andar!*)

- (16) Função metalingüística em *code-switching* inglês – espanhol (Koziol, 2000: 44):

No, I don't know why I decided to say that last part in Spanish. I think it was just that it came to me easier, you know? Sometimes, you have these thoughts in your head, and they don't have words to them yet. When they come out, they have words. Sometimes they are English words, *y otros son palabras españolas*.

(Não, eu não sei por que eu decidi dizer esta última parte em espanhol. Eu acho que foi só porque veio mais fácil para mim, entende? Algumas vezes, você tem esses pensamentos na sua cabeça, e eles não possuem palavras ainda. Quando eles vêm para fora, eles têm palavras. Algumas vezes eles são palavras inglesas, *e outros são palavras espanholas*.)

- (17) Função poética em *code-switching* português – inglês (Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade):

Tupi *or not* tupi.

(Tupi *ou não* tupi.)

Um estudo mais recente sobre as funções do *code-switching* inglês-espanhol foi conduzido por Koziol (2000) com base em questionários e gravações de dados naturais de fala. Apoiada nos trabalhos que o precederam, a autora propôs catorze categorias funcionais do *code-switching*, que podem co-ocorrer num mesmo enunciado: Personalização, reiteração, designações, substituições (apostos)², ênfase, clarificação, objetivação, falta de tradução adequada, mitigação da mensagem, interjeições, parênteses³, endurecimento da mensagem, citação, e mudança de tópico. A seguir, apresentamos exemplos de enunciados que se encaixam nas funções inéditas propostas por Koziol:

² É importante ressaltar que esta categoria também poderia ser vista como um exemplo de clarificação, como proposto por Gumperz (1982).

³ Koziol define esta categoria como informação extra ou incidental que o falante dá ao ouvinte acerca de um tópico, confundindo-se, portanto, com as funções clarificação e substituição.

- (18) Função de designação em *code-switching* inglês – espanhol (Koziol, 2000: 31):
 Hey, *chica*, where have you been?
 (Ei, *menina*, por onde você tem andado?)
- (19) Função de substituição em *code-switching* inglês – espanhol (Koziol, 2000: 31):
 Tonio, *mi hijo*, is the boy with the red jacket.
 (Tonio, *meu filho*, é o menino com a jaqueta vermelha.)
- (20) Função de ênfase em *code-switching* português – inglês (Oliveira, 2006: 86):
 A: O que você precisa: ? É só uma *letter* dizendo que sou *student* e que tô *enrolled*? É?
 (O que você precisa: ? É só uma *carta* dizendo que sou *estudante* e que tô *matriculada*? É?)
 B: *Full-time student*. Você tá mandando e-mail para o FIT, né?
 (Estudante em tempo integral. Você tá mandando e-mail para o FIT, né?)
- (21) Função de mitigação da mensagem em *code-switching* inglês - espanhol (Koziol, 2000: 58):
 Mãe: Have you done all of your homework?
 (Você fez todo o seu dever de casa?)
 Filha: *Más o menos*. I'm done with everything that's due tomorrow.
 (*Mais ou menos*. Eu terminei tudo que é para amanhã.)
- (22) Função de parênteses em *code-switching* inglês - espanhol (Koziol, 2000: 36):
 Do you remember Mrs. Sanchez – (*del coro a la iglesia*?) – she's having a baby.
 (Você se lembra da Sra. Sanchez – (*do coro da igreja*?) – ela vai ter um bebê.)
- (23) Função de endurecimento da mensagem em *code-switching* espanhol – inglês (Koziol, 2000: 36):
 Dientes, cara, pijamas... [pausa] *Move it!*
 (Dentes, rosto, pijamas... [pausa] *Vão!*)
- (24) Função de mudança de tópico em *code-switching* espanhol – inglês (Koziol, 2000: 37):
 A: ... y Jenifer, cómo es ella?
 (... e Jenifer, como ela está?)
 B: Muy bien. Tiene muchas amigas.
 (Muito bem. Tem muitas amigas.)
 A: Dónde está? Por qué no está aquí?

(Onde ela está? Por que não está aqui?)

B: Está en la universidad, TCJC. *It's a community college, but next year she should be able to transfer to the city college as pre-med.*

(Está na universidade, TCJC. *É uma faculdade da comunidade, mas no ano que vem ela deve poder se transferir para a faculdade da cidade como pre-med [estudos que precedem o curso de Medicina]).*

A: *Then she's getting good grades?*

(*Então ela está tendo boas notas?*)

B: *Oh, yes. She has to keep her scholarship pero es difícil con el bebé...*

(*Ah, sim. Ela tem que manter sua bolsa, mas é difícil com o bebê...*)

Um último levantamento que merece ser mencionado foi conduzido por Richardson (2000) sobre o *code-switching* português-ínglês, com base num *corpus* obtido pela observação participante de interações conversacionais de sua família. Com base na abordagem sócio-interacionista de Gumperz (1982) e no Modelo de Marcação de Myers-Scotton (1993), que veremos mais abaixo, a autora apresenta as seguintes funções e estratégias comunicativas implícitas pela alternância entre códigos encontrada em seu *corpus*: citação, função ecóica (marcação de ironia), função enfática, qualificação ou explicação, especificação do interlocutor, segregação de *outsiders*⁴, marcação de pertencimento a um grupo, manutenção da coerência textual⁵, deferência, expressão de autoridade, e neutralidade⁶. Abaixo ilustramos suas propostas inéditas com exemplos da autora:

(25) Função ecóica em *code-switching* inglês – português (Richardson, 2000: 66-67):

She kept going on, hours and hours and hours... annoying... when the teacher turned his back she kept "HUU!!... HUU!!" and then we would look at her and she would say "WHAT? I didn't do anything, sir" and he said assim "Yes, B., you said HUU!!... HUU!!" and the whole class laughed and she would say: "Ok, sir fine" ... "Ai que HORROR!... Eu não AGUENTO!!!" ... and he would say "What did you say?"

(Ele continuou, por horas e horas e horas... irritando... quando o professor virou de costas, ela continuou "HUU!!... HUU!!" e então ele olhava para ela e ela dizia "O QUÊ? Eu não fiz nada, sr" e ele disse assim "Sim, B., você disse HUU!!...")

⁴ Embora nomeada de maneira diferente, esta função refere-se à exclusão de um ou mais possíveis interlocutores mencionada por Grosjean (1982).

⁵ A manutenção de coerência textual, tal como descrita pela autora, assemelha-se à função de designação apresentada por Koziol (2000).

⁶ Esta função é semelhante à função expressiva aplicada ao *code-switching*, apresentada por Appel e Muysken (1987), em que a alternância entre códigos é utilizada como manifestação da dupla identidade lingüística e cultural dos falantes bilíngües.

HUU!!” e toda a turma riu e ela dizia “Ok, sr, certo” ... “*Ai que HORROR!... Eu não AGUENTO!!!*” ... e ele dizia “O que você disse?”)

- (26) Função de manutenção da coerência textual em *code-switching* inglês – português

(Richardson, 2000: 75):

Do you know that *tia* J. is going to see *tia* P. this weekend?

(Você sabe que a *tia* J. vai ver a *tia* P. este fim de semana?)

- (27) Função deferência em *code-switching* inglês – português (Richardson, 2000: 76-77):

V: But he did the call. What is something that's not normal. He did the call, he ordered it, not the secretary. That's why my name wasn't on the list.

(Mas ele fez a ligação. O que é algo que não é normal. Ele fez a ligação, ele encomendou, não a secretária. É por isso que meu nome não estava na lista.)

M: *É, eu bypasssei a secretária, que ontem falou para mim cinco dias...*

(*É, eu passei pela secretária, que ontem falou para mim cinco dias...*)

D: *Foi o que ela falou para nós.*

V: *Não!*

D: *Ela já baixou para três.*

V: Ok, *mãe*, I have TV to watch, excuse me!

(Ok, *mãe*, eu tenho TV para assistir, com licença!)

D: *Na hora que a moça estava dizendo que tinha várias Vanessas, que eu pedi para dar uma espiadinha para ver se o nome dela estava...*

V: *Vovó D. estava toda estressada, toda brava. “Ah vamos agora, na vai chegar não”...*

D: *Estressada não! minha filha... Eu estava insistindo com a moça para olhar se o seu estava certo...*

(...) [V. derruba um copo na mesa.]

M: *Que bagunça filha!*

V: Sorry, I only messed up... only over there.

(Desculpe, eu só sujei... só ali.)

Em relação aos estudos acima, cabe ressaltar que este tipo de enfoque é descritivo, ou seja, refere-se somente a um determinado *corpus* encontrado em cada um destes estudos, podendo ser, deste modo, sempre expansível. Tais tipologias, entretanto, têm sido questionadas por alguns pesquisadores, como por exemplo, Auer (1984: 3), para quem nunca será possível escrever uma lista exaustiva das funções do *code-switching*. Auer afirma que “é uma empreitada fútil dar um esquema classificacional fechado para o *code-switching*, pois se pode chegar a um número indeterminado de

interpretações”. O próprio Gumperz (1982: 82), consciente das limitações de tais tipologias, aponta que “uma lista de funções não pode por si mesma explicar quais as percepções lingüísticas dos ouvintes e como elas afetam o processo de interpretação”. Regras generalizadas não são suficientes para dar conta das funções do *code-switching*. Portanto, o autor sugere: “Mais que tentar refinar nossa classificação de funções, para ser capaz de prever a ocorrência de códigos, parece mais útil adotar uma abordagem mais semântica ao code switching e examinar como o code switching restringe os processos de inferência pelos quais nós acessamos a intenção comunicativa” (Gumperz, 1982: 83-84).

2. ABORDAGEM INTERACIONAL: POR UM MODELO EXPLICATIVO DO *CODE-SWITCHING*

Myers-Scotton (1993) se propôs a preencher a lacuna deixada pela pesquisa anterior, de base estritamente classificatória. Com base em dados de *code-switching* em duas comunidades africanas – Nairobi, Quênia e Harare, Zimbábue –, Myers-Scotton (1993) elaborou um modelo teórico com a intenção de explicar as motivações sócio-psicológicas da alternância entre códigos, relacionando-a ao conceito de marcação. De acordo com a autora, a competência bilíngüe inclui uma *métrica de marcação*, uma estrutura cognitiva universal que permite aos falantes avaliarem a marcação de escolhas de código dentro de sua comunidade. Para Myers-Scotton, os participantes ingressam numa interação conversacional com expectativas similares, sejam elas a respeito das escolhas de código ou das intenções comunicativas não-marcadas. Desta maneira, o falante é visto como um ator criativo cujas escolhas lingüísticas transmitem um sentido intencional. Com base nessa idéia, a autora postulou o *Modelo de Marcação*:

“A teoria por trás do modelo de marcação propõe que os falantes possuem um senso de marcação quanto aos códigos lingüísticos disponíveis para qualquer interação, mas escolhem seus códigos com base na persona e/ou na relação com outros que eles desejam estabelecer. Esta marcação possui uma base normativa dentro da comunidade e os falantes também sabem as conseqüências de fazer escolhas marcadas ou não-marcadas. Como a escolha não-marcada é mais ‘segura’ (isto é, não transmite surpresas porque indexa uma relação interpessoal esperada), os falantes geralmente fazem esta escolha. Mas nem sempre. Os falantes avaliam os custos e recompensas potenciais de todas as escolhas alternativas, e fazem suas decisões, tipicamente inconscientes.” (Myers-Scotton, 1993: 75)

De acordo com seu modelo, os falantes fazem escolhas a respeito de quando e como trocar ou alternar entre códigos, e os ouvintes interpretam o *code-switching* considerando suas implicações prováveis. Myers-Scotton ressalta, no entanto, que, enquanto a métrica de marcação é universal, ela diz respeito a uma habilidade particular, ou seja, somente podemos falar de marcação de uma determinada escolha em referência a um evento de fala específico dentro de uma comunidade. Assim, a escolha de código é vista como um sistema de oposições, mas não categórico, pois na realidade ela encaixa num *continuum* como mais ou menos marcado. Para exemplificar, a autora mostra uma interação em que a escolha não-marcada é o uso contínuo de *code-switching* ao invés de uma ou outra variedade específica:

(28) Escolha não-marcada em *code-switching* shona – inglês (Myers-Scotton, 1993:

83-84):

A: Mukaite *ve-age*, imwechete munogara muchinetsana.

(Se vocês tem a mesma *idade*, vocês não vão viver em paz.)

B: Ende furi *better* kuroorwa ne murume anenge aguta *pleasure*.

(E então é *melhor* ser casada com um marido que está cansado de *prazer*.)

A: Ava kuziva zvose.

(Que conhece tudo.)

B: Ee, *because* mukadszi unogona kukasika kuzviita *adjust*, kuziva kuti yaa, *I am somebody's wife*.

(Sim, porque uma mulher pode se *ajustar* facilmente, para saber que sim, *eu sou a esposa de alguém*.)

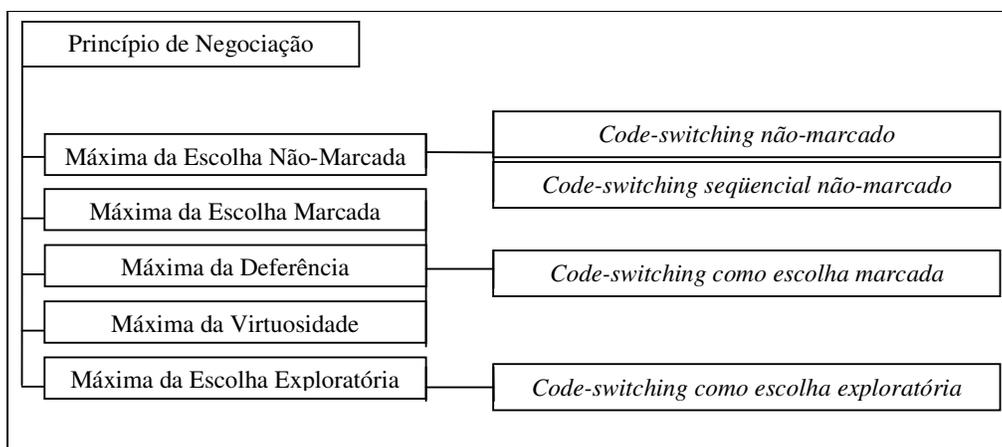
A autora introduziu o conceito de *grupos de direitos-e-obrigações* (doravante DO), que representam os traços situacionais salientes para a comunidade num determinado tipo de interação. Cada código utilizado numa comunidade particular indexa um grupo de DO e, portanto, invoca relações diferentes entre falante e ouvinte. Destarte, “um grupo de DO é um construto abstrato, derivado de fatores situacionais, que dizem respeito às atitudes e expectativas dos participantes em relação uns aos outros” (Myers-Scotton, 1993: 85). Ao compartilhar tipos similares de experiência com uma determinada variedade, os membros de uma comunidade chegam a um consenso acerca das associações de cada código. Através destas associações, um código passa a indexar um grupo de DO, que é formado por traços, como [-/+autoridade].

Inspirada no Princípio de Cooperação de Grice (1975), a autora postulou o *Princípio de Negociação*, que reflete a escolha do falante a respeito do grupo de DO

adequado para a relação que se deseja estabelecer: “Escolha a *forma* de sua conversação para que ela indexe um grupo de direitos e obrigações que você deseja estabelecer entre o falante e o ouvinte para a presente interação.” (Myers-Scotton, 1993: 113)

Este princípio contém seu argumento central de que todas as escolhas podem ser explicadas em termos das motivações dos falantes. Com base neste princípio, Myers-Scotton propõe uma série de máximas: *Máxima da escolha não-marcada*, *Máxima da escolha marcada*, *Máxima da escolha exploratória*, *Máxima da virtuosidade* e *Máxima da deferência*, que serão desenvolvidas a seguir. Estas máximas prevêm quatro tipos complementares de *code-switching* e suas motivações sociais: *Code-switching como uma seqüência de escolhas não-marcadas*, *code-switching como a escolha não-marcada*, *code-switching como uma escolha marcada*, e *code-switching como uma escolha exploratória*.

O quadro abaixo ilustra a relação entre as máximas propostas pela autora e os tipos de *code-switching*:



Quadro 1: Modelo de Marcação (Myers-Scotton, 1993)

2.1. CODE-SWITCHING NÃO-MARCADO (ESCOLHA NÃO-MARCADA E SEQÜENCIAL NÃO-MARCADO)

A *Máxima da Escolha Não-marcada* instrui os falantes a escolherem o código que indexe o grupo não-marcado de DO sempre que se deseja estabelecer ou manter o *status quo*. Ela se dirige aos falantes da seguinte maneira: “Faça a sua escolha de código o índice não-marcado do grupo de DO nas interações quando você deseja estabelecer ou afirmar aquele grupo de DO.” (Myers-Scotton, 1993: 114)

Como consequência desta máxima, Myers-Scotton postula que a alternância entre códigos ocorrerá em duas circunstâncias diferentes: o *code-switching seqüencial*

não-marcado (como uma seqüência de escolhas não-marcadas), e o *code-switching não-marcado* (a própria alternância entre códigos como a escolha não-marcada), ilustrados abaixo:

- (29) *Code-switching seqüencial não-marcado* inglês – suaíli (Myers-Scotton, 1993: 116):

Nina shida ya lazima sana ya pesa kwa sasa. Naomba sana unisaide. *Well, this is the first time since I knew you, I think, to borrow money. I know money can break our friendship.*

(Eu tenho grande necessidade de dinheiro. Eu te peço que me ajude. *Bom, esta é a primeira vez desde que te conheço, eu acho, que peço dinheiro emprestado. Eu sei que dinheiro pode estragar nossa amizade.*)

- (30) *Code-switching não-marcado* Iwidakho – inglês – suaíli (Myers-Scotton, 1991: 123):

Entrevistador: Unapenda kufanya kazi yako lini? Mchana au usiku?

(Quando você gosta de fazer o seu trabalho? Manhãs ou noites?)

Enfermeira: *As I told you, I like my job. Sina ubaguzi wo wote kuhusu wakati ninapofanya kazi. I enjoy working either during the day au usiku yote ni sawa kwangu. Hata family members wangu wamezoea mtindo huu. There is no quarrel at all. Obubi bubulaho. Saa zengine kazi huwa nyingi sana na there are other times when we just have light duty. Walwale vanji, more work, walwale vadi, kazi kidogo.*

(*Como eu te disse, eu gosto do meu trabalho. Eu não tenho dificuldade nenhuma no que diz respeito a quando eu trabalho. Eu gosto de trabalhar tanto durante o dia quanto à noite. Mesmo os membros da minha família se acostumaram a este plano. Não há discussão alguma. Não há nada de ruim. Algumas vezes há muito trabalho e há outras vezes quando nós somente temos trabalho leve. Mais pacientes, mais trabalho, menos pacientes, menos trabalho.*)

2.2 CODE-SWITCHING COMO ESCOLHA MARCADA

No *code-switching* como escolha marcada, os falantes não se identificam com o grupo de DO esperado. Desse modo, ao invés de seguir a máxima da escolha não-marcada, o falante obedece à *Máxima da Escolha Marcada*, que se dirige aos falantes do seguinte modo: “Faça uma escolha de código marcada que não seja o índice não-

marcado do grupo não-marcado de DO numa interação quando você deseja estabelecer um novo grupo de DO como não-marcado para a troca corrente.” (Myers-Scotton, 1993: 131)

Assim, o falante utiliza a escolha marcada para sinalizar uma mudança no grupo de DO, como por exemplo, para modificar o modo em que é percebido pelo seu interlocutor ou para alterar a relação entre ambos. Ou seja, a escolha marcada reflete a intenção de mudar a distância social esperada entre os participantes, seja aumentando-a ou diminuindo-a. Segundo Myers-Scotton, o efeito deste tipo de alternância deve-se à sua natureza inesperada, marcada, que traz à tona um novo cenário.

A seguinte interação - em que o motorista de um ônibus pede a um passageiro que ele abra as janelas por conta do calor - ilustra o uso do *code-switching* marcado por parte do passageiro para aumentar a distância social:

(31) *Code-switching* marcado suaflí – *inglês* (Myers-Scotton, 1990: 99):

Motorista: Fugueni madirisha!

(Abra as janelas!)

Passageiro: *That's your job.*

(*Isto é o seu trabalho.*)

Myers-Scotton ainda apresenta duas possíveis violações à Máxima da Escolha Não-Marcada que tornam o *code-switching* marcado, às quais ela chama de *Máxima da Deferência* e *Máxima da Virtuosiidade*. A primeira complementa a Máxima da Escolha Não-Marcada, uma vez que reconhece que considerações de polidez podem algumas vezes contradizer o que geralmente seria considerado não-marcado. Assim, o que seria não-marcado torna-se marcado. Esta máxima se dirige ao falante da seguinte maneira: “Altere para um código que expressa deferência aos outros quando respeito especial é exigido pelas circunstâncias.” (Myers-Scotton, 1993: 147)

Já a *Máxima da Virtuosiidade* complementa a Máxima da Escolha Não-Marcada ao reconhecer que o falante pode ser forçado a trocar de código para ser entendido por um participante não-proficiente no código originalmente utilizado: “Altere para qualquer código que for necessário para dar continuidade à conversação / acomodar a participação de todos os falantes presentes.” (Myers-Scotton, 1993: 148)

Os enunciados abaixo ilustram a Máxima da Deferência e a Máxima da Virtuosiidade:

- (32) Máxima da Deferência ocasionando *code-switching* inglês – *luo* (Myers-Scotton, 1993: 148):

Pai: Where have you been?

(Onde você esteve?)

Filho: *Onyango nende adlu aora, baba.*

(*Eu fui ao rio, pai.*)

- (33) Máxima da Virtuosiidade relatada por falante (Myers-Scotton, 1993: 149):

“Meu irmão e eu temos que estar atentos às nossas palavras depois que nosso pai chega. A conversa se torna mais lenta porque nós perdemos tempo escolhendo as palavras que o velho homem vai entender e aquelas que não vão ofendê-lo. Antes dele chegar, nós estávamos usando sentenças como Mekosiche enough water tu chu [Este gado não está recebendo muita água estes dias]. Mas depois da sua chegada nós devemos dizer Mehosiche beeh che yame tuchu. Evitamos nosso uso normal de inglês misturado com *luo* para acomodar nosso velho pai à situação.”

2.3. CODE-SWITCHING COMO ESCOLHA EXPLORATÓRIA

Myers-Scotton aponta, por fim, o uso da alternância entre códigos como uma estratégia de neutralidade, que ocorre quando não está claro para o falante qual escolha irá ajudá-lo a alcançar seus objetivos sociais. Nestes casos, o falante segue a *Máxima da Escolha Exploratória*:

“Quando uma escolha não-marcada não está clara, utilize o CS [*code-switching*] para fazer escolhas exploratórias alternadas como candidatas para uma escolha não-marcada e desse modo como um índice de um grupo de DO que você favoreça.” (Myers-Scotton, 1993: 142)

Este tipo de *code-switching* ocorre, por exemplo, quando aspectos da situação não são congruentes, como quando, apesar de possuírem uma relação próxima, os participantes estão num ambiente formal que exige o uso de uma outra língua, ou quando o falante não conhece a identidade social de seu interlocutor a ponto de ser capaz de fazer uma escolha decisiva acerca do grupo de DO apropriado. Assim, o falante propõe um determinado código; e, dependendo das reações do interlocutor, a escolha exploratória pode ser mantida ou abandonada. A escolha exploratória mostra que, de fato, o *code-switching* é uma negociação, como vemos na interação a seguir, em que um homem pede para dançar com uma mulher num hotel em Nairobi:

- (34) Suaíli – *inglês* (Myers-Scotton, 1988: 177):

H: Nisaidie na *dance*, tafadhali.

(Me conceda uma *dança*, por favor.)

M: Nimechoka. Pengine nyimbo ifuatayo.
(Estou cansada. Talvez a próxima música.)

H: Hii ndio nyimbo ninayopenda.
(Esta é a música que eu gosto.)

M: Nimechoka!
(Estou cansada!)

H: Tafadhali...
(Por favor...)

M: Ah, stop bugging me.
(Ah, pare de me perturbar.)

H: I'm sorry. I didn't mean to bug you, but I can't help it if I like this song.
(Desculpe-me. Eu não pretendia te perturbar, mas não posso fazer nada se eu gosto dessa música.)

M: OK, then, in that case, we can dance.
(OK, então, neste caso, nós podemos dançar.)

Por fim, podemos afirmar que Myers-Scotton elaborou um modelo teórico para explicar as motivações sócio-psicológicas da alternância entre códigos com base na noção de marcação, adotando o que Gumperz (1982: 83) chamou de “uma abordagem mais semântica ao code-switching”. Ao enfatizar que escolhas particulares de código são dirigidas principalmente pelas motivações dos falantes, ela voltou seu foco para a intenção comunicativa do falante, como propusera o pesquisador. Segundo a autora, cada código relaciona-se a um grupo particular de direitos-e-obrigações, ou seja, aos traços situacionais salientes para cada interação, que dizem respeito às atitudes e expectativas dos falantes em relação uns aos outros. Assim, o código associado mais frequentemente a um grupo de direitos-e-obrigações representa a escolha não-marcada para aquela interação particular. O falante leva em conta aspectos da situação, mas a escolha final depende da relação que se deseja codificar. Assim, enquanto descrições anteriores buscavam relacionar as escolhas dos falantes diretamente a fatores situacionais, podemos afirmar que o modelo de Myers-Scotton dá um passo adiante ao centrar-se no falante. Deste modo, a autora preencheu as lacunas da proposta classificatória iniciada por Gumperz (1982: pp. 83-84), e centrou sua análise no falante e no ouvinte, seguindo à risca seu conselho de “examinar como o code-switching restringe os processos de inferência pelos quais nós acessamos a intenção comunicativa”.

4. POR UMA ABORDAGEM PREDITIVA DO *CODE-SWITCHING*

Neste trabalho, vimos o deslocamento que o estudo sociolingüístico do *code-switching* tem passado desde Gumperz (1982), pioneiro na análise desta prática discursiva, até os dias atuais. Os primeiros pesquisadores do *code-switching* buscaram elaborar listas exaustivas sobre as funções que esta prática pode vir a servir no discurso. Tal abordagem, entretanto, é somente descritiva, como mencionado acima, pois se refere a um *corpus* específico e pode ser sempre expansível. Myers-Scotton, por sua vez, fundamentou a análise do *code-switching* como um fenômeno interacional que traz informação contextual relevante para o discurso, caminho prenunciado por Auer (1984) e seguido por Zentella (1997) e Woolard (2004), que relacionaram o *code-switching* ao conceito de *footing*.

Podemos perceber, portanto, que inicialmente, a análise do *code-switching* era descritiva e que houve esforços dos pesquisadores para a criação de um modelo explicativo do *code-switching*. Acreditamos que um terceiro passo a ser tomado no estudo deste fenômeno lingüístico é a busca por um modelo capaz de prever as instâncias de *code-switching* no discurso. Assim, a pesquisa sociolingüística sobre o *code-switching* deve seguir esta tendência a partir de agora, buscando a elaboração não somente de uma lista descritiva de suas funções, mas de um modelo teórico explicativo e principalmente preditivo das instâncias de *code-switching* no discurso bilíngüe. Apesar do prenúncio desta necessidade, ainda não há publicações na área da sociolingüística com este enfoque. Espera-se, em última instância, que a pesquisa de doutorado que se segue à dissertação de Oliveira (2006) seja capaz de preencher esta nova lacuna que tem se formado na área de línguas em contato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. APPEL, Rene; MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London: Edward Arnold, 1987.
2. AUER, Peter. *Bilingual conversation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.
3. BATHIA, Tej; RITCHIE, William. (Eds.) *The handbook of bilingualism*. Blackwell Publishing, 2004.

4. FRANCESCHINI, Rita. The notion of code in linguistics. In: P. Auer (Ed.) *Codeswitching in conversation: Language, interaction, and identity*. London: Routledge, 1998.
5. GRICE, Paul. Logic and conversation. In: P. Cole; J. L. Morgan (Eds.) *Syntax and Semantics III: Speech acts*. New York: Seminar Press, 1975.
6. GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.
7. GUMPERZ, John. *Discourse strategies*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1982.
8. GUMPERZ, John; HERNÁNDEZ-CHAVEZ, Eduardo. Language maintenance, bilingual education, and philosophies of bilingualism in the United States. In: J. E. Alatis (Ed.) *International dimensions of bilingual education*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1978.
9. GUMPERZ, John; HERNÁNDEZ-CHAVEZ, Eduardo. Cognitive Aspects of Bilingual Communication. In W. H. Whately (Ed.) *Language and social change*. Oxford: Oxford University Press, 1970.
10. HEYE, Jürgen. Considerações sobre bilingüismo e bilingüidade: revisão de uma questão. *PaLavra*, v. 11, 2003.
11. JACOBSON, Rodolfo. (Ed.) *Codeswitching as a worldwide phenomenon*. New York: Peter Lang, 1998.
12. JORGENSEN, Norman. Plurilingual conversations among bilingual adolescents. *Journal of Pragmatics*, v. 37, 2005.
13. KOZIOL, Jessica Marie. *Code-switching between Spanish and English in contemporary American society*. Monografia (Inglês e Língua Estrangeira). St. Mary's College of Maryland. Maryland, 2000.
14. MONTES-ALCALÁ, Cecilia. Written codeswitching: Powerful bilingual images. In: I R. Jacobson (Ed.) *Code-switching worldwide II*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001.
15. MYERS-SCOTTON, Carol. *Social motivations for codeswitching: Evidence from Africa*. Oxford: Clarendon Press, 1993.
16. MYERS-SCOTTON, Carol. Intersections between social motivations and structural processing in codeswitching. In: G. Lüdi (Ed.) *Papers for the Workshop on Constraints, Conditions and Models*. Strasbourg: European Science Foundation, 1991.

17. _____. Codeswitching and borrowing: Interpersonal and macrolevel meaning. In: R. Jacobson (Ed.). *Codeswitching as a worldwide phenomenon*. New York: Peter Lang, 1990.
18. MYERS-SCOTTON, Carol. Codeswitching as indexical of social negotiations. In: M. Heller (Ed.) *Codeswitching: Anthropological and sociolinguistic perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.
19. OLIVEIRA, Renata Sobrino Porto. *Code-switching: perspectivas multidisciplinares*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
20. REYES, Iliana. Functions of code switching in schoolchildren's conversations. *Bilingual Research Journal*, v. 28, n. 1, 2004.
21. RICHARDSON, Viviane. *Portu-English: análise de code-switching português-ínglês no discurso coloquial de uma família bilíngüe*. Dissertação de Mestrado (Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2000.
22. RITCHIE, William.; BATHIA, Tej. Social and psychological factors in language mixing. In: Bathia, T. K.; Ritchie, W. C. (Eds.) *The handbook of bilingualism*. Blackwell Publishing, 2004.
23. ROMAINE, SUSAN. *Bilingualism*. New York: Basil Blackwell Inc., 1989.
24. WOOLARD, Katryn. Codeswitching. In: A. Duranti (Ed.) *A companion to linguistic anthropology*. Malden, MA: Blackwell, 2004.
25. ZENTELLA, Ana Celia. *Growing up bilingual*. Malden, MA: Blackwell Publishers, 1997.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma sistematização e avaliação bibliográfica da literatura internacional em *code-switching* através da apresentação e caracterização de suas principais linhas de pesquisa, ressaltando as obras de referência e os caminhos apontados por cada abordagem. A necessidade da apresentação estruturada dos diversos aspectos sociolingüísticos do *code-switching* encontrados na literatura sobre línguas em contato se deve ao fato de a pesquisa sobre este fenômeno ser incipiente no Brasil e o acesso ao material ainda restrito à academia brasileira. Neste trabalho, busca-se mostrar o deslocamento necessário que a pesquisa sobre este fenômeno tem passado desde seus primeiros pesquisadores, cujo objetivo principal era elaborar tipologias funcionais exaustivas do *code-switching*; até o momento atual, em que se tem relacionado este fenômeno às intenções pragmáticas do falante, considerando-o uma estratégia comunicativa de alta relevância no discurso. Por fim, aponta-se para a necessidade de elaboração de um modelo preditivo do *code-switching*.

PALAVRAS-CHAVE: bilingüismo; code-switching; análise sociolingüística.

ABSTRACT: The present work aims at presenting a bibliographic systematization and evaluation of the international literature in code-switching through the presentation and characterization of its major research lines, emphasizing the reference works and the directions provided by each approach. The need for the structured presentation of the several sociolinguistic aspects of code-switching found in the literature in languages in contact is due to the fact that research on this phenomenon is incipient in Brazil and the access to this material is still restricted. This work intends to show the necessary movement that the research on code-switching has passed through since its early researchers, whose main goal was to elaborate exhaustive functional typologies of code-switching, till the present days, in which this phenomenon has been related to the speakers' pragmatic intentions, being therefore considered a highly relevant communicative strategy in discourse. Finally, we point out the need for the elaboration of a predictive model of code-switching.

KEYWORDS: bilingualism; code-switching; sociolinguistic analysis.

Recebido no dia 31 de março de 2007.

Artigo aceito para publicação no dia 15 de julho de 2007.